A INFLUÊNCIA DA FALA NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: erros ou trocas?

THE INFLUENCE OF SPEAKING IN THE ACQUISITION OF WRITING IN BASIC EDUCATION: mistakes or exchanges?

Mariana Queiroga Gomes[1]

RESUMO

Pretende-se fazer uma análise investigativa sobre a influência da fala na aquisição da escrita na educação básica infantil e contra-argumentar a ideia do senso comum de que o ensino da gramática normativa garante a produção de bons textos. Nesta pesquisa, parto da hipótese de que a criança na aquisição da escrita, em muitos casos, é influenciada pela fala. Como embasamento teórico, recorre-se a Oliveira (2006), Ferreiro (1999), Bagno (1999), Dayrell (1996) e Silva (2013). A pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma professora de Rede Privada de Ensino Básico Infantil. Dos alunos, coletei redações de um tema específico fornecido por essa mesma professora. Com base nos materiais analisados, os principais resultados sugerem que a criança, no processo de aquisição do código escrito, ainda está ancorada na fala, o que provoca trocas de letras na produção de textos escritos. O estudo assinalou, ainda, que, de fato, existe uma representação equivocada de que a escrita é sinônimo de gramática normativa.

Palavras-chave: Aprendizagem da escrita. Fala. Gramática. Senso comum.

ABSTRACT

It is intended to make an investigative analysis on the influence of speech in the acquisition of writing skills in children's basic education and to counter-argument the idea of common sense that the teaching of normative grammar guarantees the production of good texts. In this research I assume the hypothesis that the child in the acquisition of writing, in many cases, is influenced by speech. As a theoretical basis, we use Oliveira (2006), Ferreiro (1999), Bagno (1999), Dayrell (1996) and Silva (2013). The research is of a qualitative nature and a semi-structured interview was conducted with a teacher from Private Network of Basic Education for Children. From the students I collected essays from a specific theme provided by this same teacher. Based on the analyzed materials, the main results suggest that the child, in the process of acquiring the written code, is still anchored in speech, which causes character exchanges in the production of written texts. The study also pointed out that, in fact, there is a mistaken representation that writing is synonymous with normative grammar.

Keywords: Writing learning. Speaking. Grammar. Common sense.

[1] Graduanda em Pedagogia pela PUC Minas.

INTRODUÇÃO

Este estudo compreende uma pesquisa realizada sobre a escrita de alunos da Educação Básica, no qual investigou-se a influência da fala no processo de aquisição da escrita. O objetivo é desmitificar a ideia de que as crianças escrevem tudo errado e de que a escrita é sinônimo de gramática normativa. A alfabetização é um processo e escrever "errado" é simplesmente um dos passos para o desenvolvimento da criança no que se refere à aquisição do código escrito.

Para alcançar esse objetivo, realizei uma entrevista semiestruturada com uma professora da Rede Privada de Ensino Básico Infantil de Belo Horizonte. Dos alunos, coletei redações de um tema específico fornecido pela professora. Com todo material recolhido, analisei palavras com erros de ortografia segundo a norma padrão da língua, buscando averiguar se há ou não a interferência da fala durante a escrita das crianças.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira parte, apresento aspectos e concepções da escrita na educação básica. Na segunda parte, na seção "erros ou trocas?", procuro mostrar que não existe erro na escrita da criança em processo de alfabetização. Na terceira parte, foi feita uma análise dos textos que foram produzidos pelos alunos, buscando entender cada troca cometida. E, por fim, na quarta seção, busco desmitificar a ideia do senso comum de que a criança escrever da forma que fala não é um erro grotesco.

ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

É de extrema importância o desenvolvimento da língua falada e escrita na vida do indivíduo, pois tanto uma quanto outra possibilitará a comunicação entre as pessoas. Chama-se de letramento e alfabetização, respectivamente, o uso que os falantes fazem da fala e da escrita nas variadas práticas sociais e na aquisição do código escrito.

Referente à escrita na educação básica, há um mito de que as crianças escrevem de forma errada por não conseguirem utilizar de forma exata a gramática normativa. Entretanto, no aprendizado de uma criança, não tem como definir como erro a troca de letras ou até mesmo o fato de ela escrever da forma como fala, uma vez que todos esses fatores fazem parte do aprendizado do código escrito em fase de alfabetização.

Na educação básica, o processo de aprendizagem da escrita demanda tempo. Nesse processo, não há como definir um erro, como explicita Sônia Maria no artigo "Dislexia, uma

dificuldade de aprendizagem" (2010), ao afirmar que "escrever como se fala, ou confundir foneticamente letras parecidas como F e V, juntar palavras e acoplar letras de modo aparentemente ocasional são atos categoricamente naturais do processo de alfabetização". Tão naturais que até mesmo um adulto que já tenha uma formação completa pode se ver pensando como se escreve determinada palavra. Para uma criança, isso é ainda mais complexo, uma vez que é na alfabetização que elas estão tendo o primeiro contato com as letras.

Há, ainda, o fato de que muitas instituições de ensino estão preocupadas somente em seguir um determinado padrão de escrita, a gramática normativa que, muitas vezes, não considera a variedade linguística, prejudicando o ensino da criança. Como afirma Bagno, o ensino tradicional

> é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 1999, p. 15).

De fato, a escola não considera a variedade linguística e, em muitos casos, taxa como erro as trocas cometidas na escrita por conta da marca do dialeto. No entanto, sabemos que, se a interação foi estabelecida, o papel da escrita foi cumprido.

As escolas e os educadores possuem muitos materiais e esclarecimentos quanto a esse aspecto. Em outubro de 1997, foram elaborados pelo Ministério da Educação os Parâmetros Curriculares Nacionais e, desde então, os professores podem contar com esse material como apoio ao projeto curricular da escola. No que se refere à variedade linguística, os Parâmetros da Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) enfatizam que

> não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala "errada" dos alunos — por não ser coincidente com a variedade linguística de prestígio social —, com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada (BRASIL, 1997, p. 38).

Mesmo quase completando duas décadas após o lançamento dos PCN, podemos perceber que ainda existe falta de clareza sobre as variedades linguísticas nas instituições educacionais, pois os professores ainda possuem dificuldade de trabalhar com a diferença. É claro que o papel da escola é ensinar a gramática, mas isso tem todo um processo para acontecer e muitos aspectos devem ser considerados.

O problema maior que ocorre nas escolas é que, como afirma Dayrell (1996, p. 140), "o conhecimento é visto como produto, sendo enfatizados os resultados da aprendizagem e não o processo". Ou seja, não se leva em conta o tempo de cada aluno. No caso da escrita, eles são avaliados segundo os resultados de suas atividades, e isso acaba gerando um conflito, posto que o essencial é o processo de aquisição de tal modalidade e não o produto final.

É certo que muitas crianças conseguem assimilar o sistema da escrita com muita naturalidade, outras já demoram um pouco mais, por isso esse processo vai variar de criança para criança, podendo dizer que o meio familiar, social e socioeconômico em que essa criança vive, de fato, vai interferir no seu processo de aprendizado da língua. Isso não significa que uma criança seja mais inteligente que a outra, mas, sim, que existe uma diferença de compreensão e apreensão desse sistema de representação.

Contudo, muitos professores tentam introduzir exaustivamente exercícios de fixação, ao invés de trabalhar com os erros dos alunos para que possam gerar o acerto. Ferreiro afirma que essa prática didática não seria a forma correta:

> Em termos práticos, não se trata de continuamente introduzir o sujeito em situações conflitivas dificilmente suportáveis, e sim de tratar de detectar quais são os momentos cruciais nos quais o sujeito é sensível às perturbações e às suas próprias contradições, para ajudá-lo a avançar no sentido de uma nova reestruturação (FERREIRO, 1999, p. 34).

Ou seja, forçar os alunos a fazer exercícios de fixação de nada ajudará, pois o papel do educador vai muito além disso, uma vez que ele tem que identificar em que momento o aluno vai precisar de mais auxílio. No caso da escrita, o docente tem que ter mais atenção ainda, dado que existe, como já se disse, um processo individual de aprendizagem.

Em conversa com a professora informante desta pesquisa, ela enfatiza justamente isso: "muitos fatores estão imbricados no processo de aquisição da escrita, não sendo apenas o que é ensinado em sala de aula, pois o aluno que tem um o hábito de ler, que tem um bom relacionamento com a família e que busca um conhecimento fora de sala de aula, com certeza, obterá maior facilidade de fixar esse novo sistema que é apresentado a ele".

Ainda segundo os relatos da professora, é fácil notar, já no primeiro contato do aluno com a escrita, que, se ele troca um som da fala, consequentemente, poderá trocar a letra correspondente a esse som na escrita.

ERROS OU TROCAS?

No processo de alfabetização, não podemos considerar o erro de escrita, pois o que existe são trocas que fazem parte de todo esse processo.

Por meio dos textos aplicados aos alunos do ensino básico infantil de uma escola privada de Belo Horizonte, podemos ver palavras que, claramente, evidenciam o uso da fala sobre a escrita, trocas fonéticas claramente expostas nos textos, como, por exemplo, as palavras: *imbora (embora), ves (vez), checou (chegou), tenpo (tempo), vazer (fazer), broboleta (borboleta), voutou (voltou), pauco (palco), tabala (trabalha), puchou (puxou), chou (Show), alplaldia (aplaudia).* As palavras escritas pelos alunos, segundo a gramática normativa, apresentam erros claros, entretanto isso diz respeito apenas a trocas de letras devido à fonética parecida ou apenas à expressão da fala da criança sobre a escrita.

Podemos ver isso através das classificações de Oliveira (2006) para os "erros" de alfabetização. Quando a criança escreve *imbora,* ela demonstra uma marca do seu dialeto, por isso podemos dizer que ela ainda está ancorando-se na oralidade para escrever. Já com a palavra *vazer (fazer)* é porque a criança tem a escrita alfabética com correspondência trocada pela mudança de sons. O *f* é um som surdo, e o *v* é um som sonoro, que, quando pronunciado, as cordas vocais vibram. Quando existe a mudança desses sons, o estudante facilmente se confunde. Para as grafias desviantes *ves*, *voltou, pauco, puchou, e chou,* a explicação está na violação de formas dicionarizadas, que, segundo Oliveira (2006), é uma das situações mais relevantes, e que esses casos são aprendidos um a um, e apenas a consulta ao dicionário pode resolver a questão da grafia. No caso da palavra *alplaudia* (aplaudia), se trata de metátese, em que há mudança de posição do segmento ou espalhamento do mesmo som pelas sílabas. Outro exemplo dessa troca: Tábua~tauba.

DISCUSSÃO DOS DADOS

A seguir apresento a análise dos textos que foram produzidos pelos estudantes do ensino básico, buscando compreender as trocas cometidas através dos símbolos, transcrições fonéticas e outras implicações que influenciam diretamente na hora da escrita.

Oliveira (2006) trouxe uma grande contribuição para o melhor entendimento do processo de aprendizagem da ortografia, pois uma das hipóteses levantadas pelo autor é que,

no processo de aquisição da escrita, o estudante se move de um sistema de representação calcado na fala para um sistema calcado na língua escrita. O autor destaca, ainda, que a gramática normativa dispensa aquilo que chamamos de variedade linguística, que são as diferenças na fala que não implicam em diferença de sentido.

Afirma, também, Silva (2013) que, sob a perspectiva da fonética, é possível classificar as letras consoantes em três critérios, a saber, fonação, lugar e maneira. Para a compreensão dos textos seguintes, destaco a fonação, que compreende o som em vozeado, quando as cordas vocais vibram, e desvozeado, quando as cordas vocais não vibram.

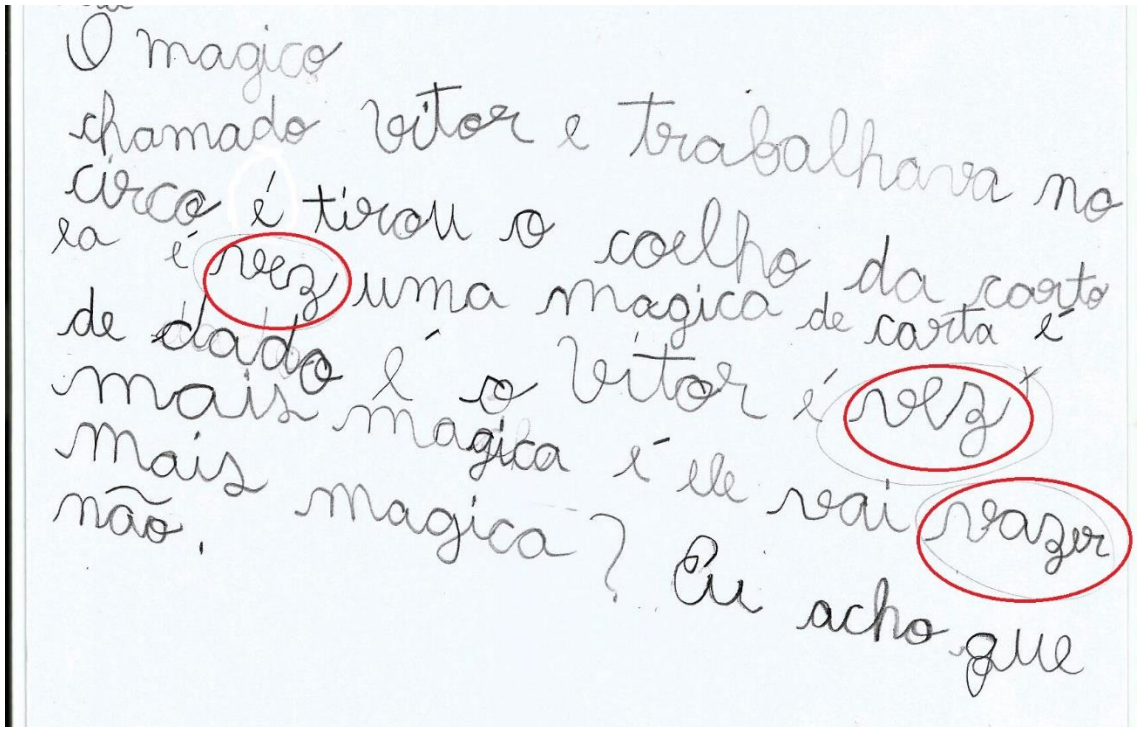

Figura 1 - Produção de texto 1

Investigando o texto acima, dentre os critérios que foram apresentados, é possível perceber que a criança faz constantes trocas da letra *f* pela letra *v*. Isso se explica porque o som pronunciado por ambas as letras representam sons fricativos, que são produzidos quando os articuladores lábio inferior e dentes incisivos superiores aproximam-se e fica uma passagem pequena para a corrente de som sair e o som então sai como um chiado. Um exemplo são as seguintes palavras: *sapo, zebra, chato, gente, faca, carta, vaca.*

Quando a criança está escrevendo e se encontra em dúvida de como escrever determinada palavra, muitas vezes, ela faz a pronúncia da palavra em voz baixa. No caso das

palavras do texto acima, *fez e fazer*, que já são palavras que contêm o som chiado, a criança que está no processo de aquisição da escrita facilmente se confunde.

No exemplo do texto seguinte, há as constantes trocas da letra *u* pela letra *l* e do *g* pelo *j*. Podemos observar nas palavras: *pegol, entrol, ficol* e *májica*.

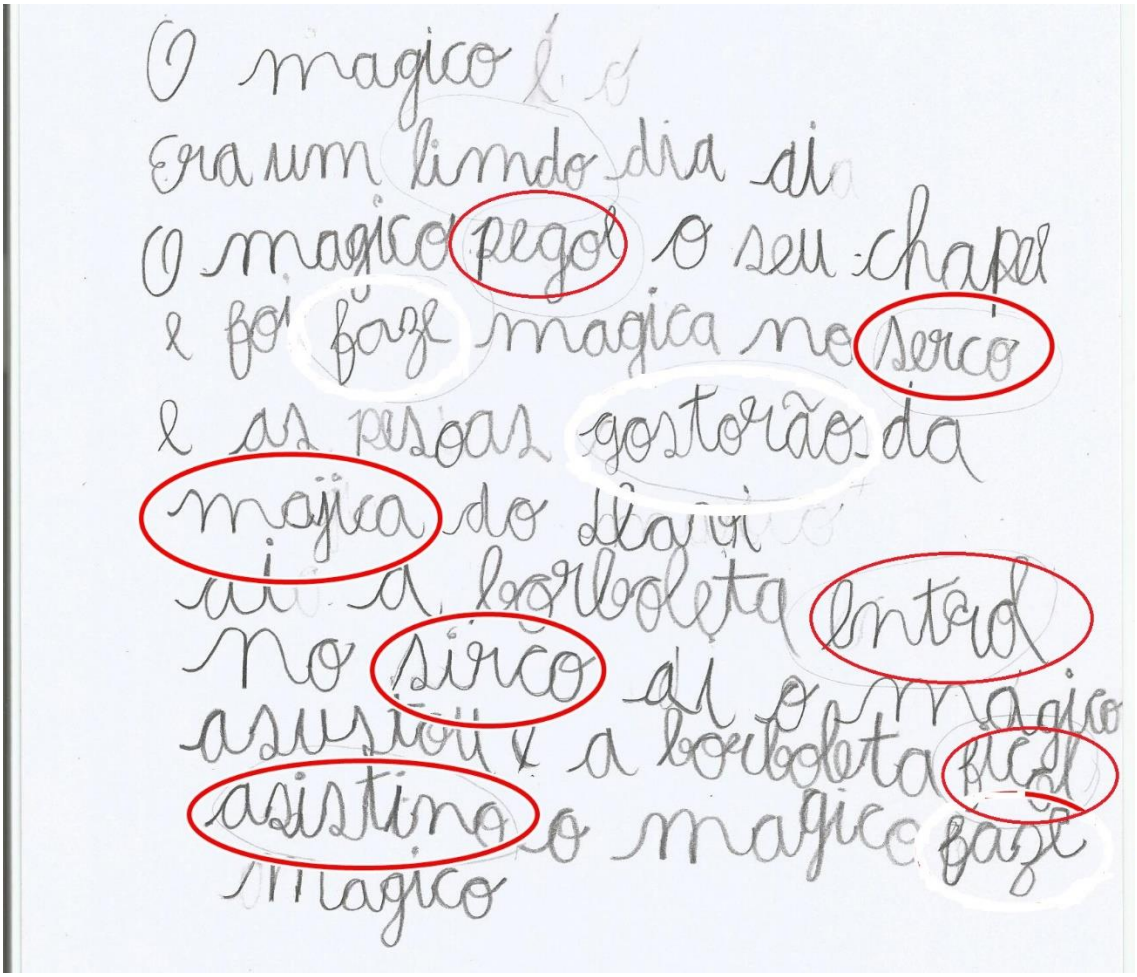

Figura 2 - Produção de texto 2

Ao analisar esse segundo texto, observando as trocas cometidas, pude perceber que a criança ainda está ancorada na oralidade. Quando ela escreve *"asistino"*, por exemplo, fica evidente essa ligação com a fala, pois nós, falantes, muitas vezes pronunciamos o gerúndio suprindo o som [d] – escrevemos falando e falamos "*falano*". O fato de ela colocar apenas uma letra *S*, também está atrelado à fala, uma vez que não pronunciamos os dois *S*. De acordo com as classificações de Oliveira (2006), esse "erro" é explicado pela violação de formas dicionarizadas, que são as grafias totalmente arbitrárias, não são controladas nem pelo som que se pronúncia, nem por uma regra".

Observemos a transcrição fonética de algumas palavras presentes no texto do estudante:

Assistir: ɐ.siʃ.ˈtiɾ.

Circo: ‘sir.ku

Mágica: ‘ma.ʒi.kɐ

Na escrita da palavra *mágica*, o som [ʒ] compreende a representação gráfica das letras G e J, como em *gente, jeito, jacaré*. Por isso é absolutamente normal a criança, enquanto está no processo de aprendizado, cometer essas trocas. É importante ressaltar, também, que a grafia da palavra *gol já pode ter sido aprendida* pela criança e na escrita da palavra *pegol*, ela acaba a escrevendo com L no final. Oliveira (2006) classificou esse fenômeno como hipercorreção. Todos esses fatores fazem parte do processo de aquisição da escrita e são importantes na construção do conhecimento.

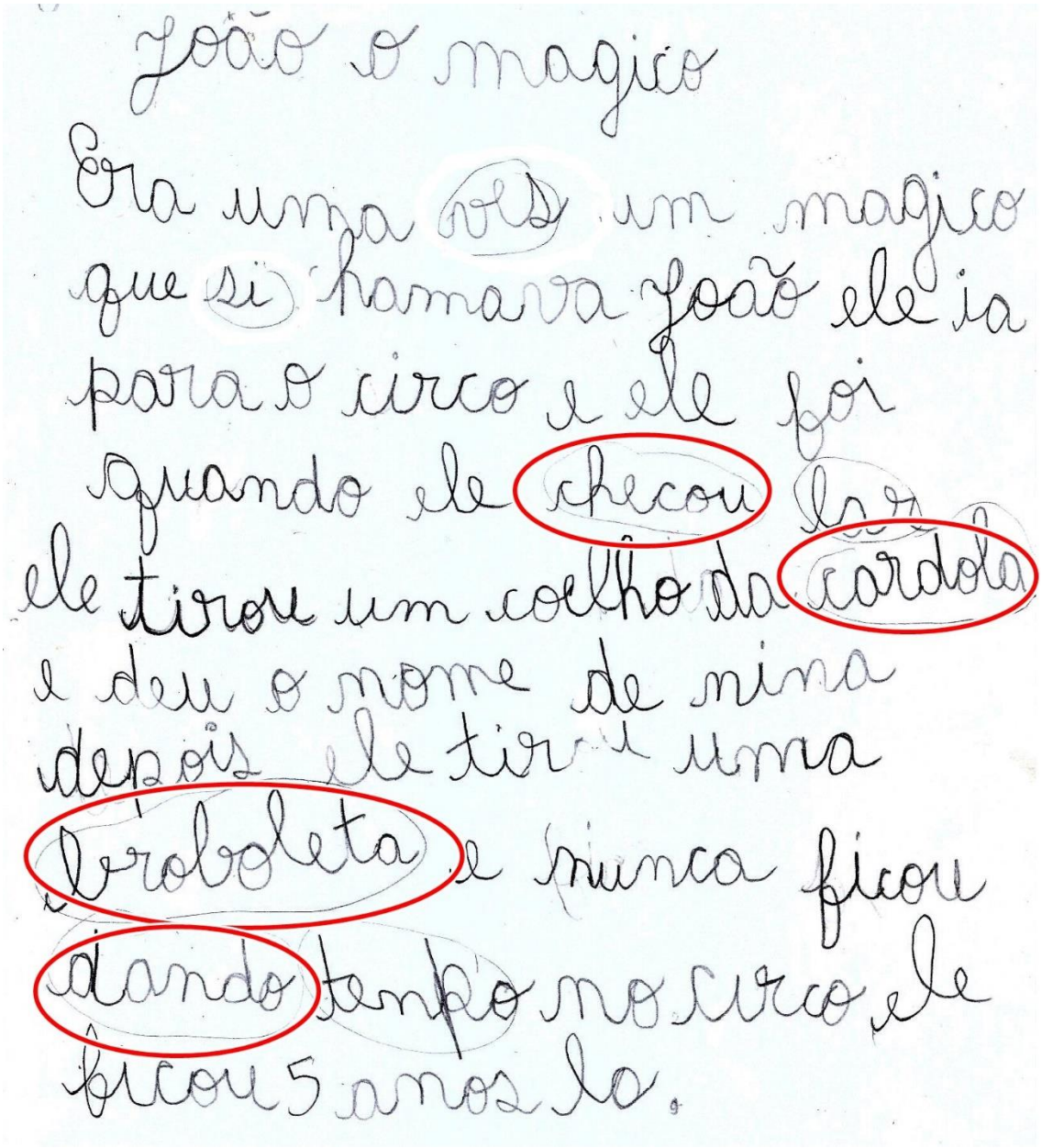

Figura 3 - Produção de texto 3

Nesse terceiro texto, também é possível identificar a presença da oralidade na escrita. As letras *d* e *t, c* e *g* são letras que têm fonemas que são acusticamente parecidos, isso porque essas letras, quanto à maneira de produção, são classificadas como oclusivas, que é quando, segundo Silvia (2013), os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. Além disso, o som das letras *t* e *c* são desvozeados e as letras *d* e *g* possuem o som vozeado. Então, quando a criança ainda não adquiriu a capacidade de discriminação auditiva, o som dessas letras pode parecer ser igual.

ESCREVER COMO SE FALA

Querendo desmitificar o fato de a criança escrever da forma que fala, trago como exemplo a capa da revista Veja que apresenta a seguinte imagem:

Figura 4- Capa da revista Veja.

Mesmo os grandes veículos de comunicação possuem uma interpretação que não vai além do senso comum. Na imagem da capa da revista, podemos ver a caricatura feita sobre a escrita do garoto**,** insinuando que a forma que ele escreve estaria da forma errada. Entretanto, sabemos que isso não seria um erro, dado que, de acordo com determinada região, realmente se pronuncia "insino" e não "ensino". Podemos mostrar isso por meio da transcrição fonética dessa palavra: [ĩ.ˈsĩ.nʊ] e [ẽ.ˈsi.nu]. O que a criança fez foi apenas uma troca que faz parte de todo o processo de representação da língua falada para a língua escrita.

De fato, podemos claramente dizer que a boa escrita não está relacionada diretamente com o domínio total da gramática normativa. Como afirma Perini em *Sofrendo a Gramática*,

> não existe um grão de evidência em favor disso; toda a evidência disponível é em contrário. Afinal, se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o

> que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática (PERINI, 1997, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo assinalou que, no processo de alfabetização, a fala produz uma forte influência sobre a escrita, e que existe, de fato, um preconceito sobre a escrita das crianças por parte de pessoas leigas. O mesmo foi desmitificado ao analisar as redações dos alunos e a entrevista com a professora. Constatou-se que, na verdade, não existem erros de escrita e sim trocas de letras que correspondem a sons parecidos.

A análise foi importante por trazer uma reflexão acerca do preconceito e dos rótulos que partem do senso comum sobre as trocas fonéticas que as crianças cometem, trocas essas que são trabalhadas durante todo o processo de alfabetização e aprendizado do aluno.

Não se pode deixar de mencionar a mídia, que, na sociedade atual, assume o papel de responsável pela construção e transmissão de sentido, valores e representações que, muitas vezes, são equivocadas. Como no caso da Veja que foi citada acima, a revista fez uma análise superficial acerca da escrita da criança e, ao exibir essas análises e opiniões, acaba reproduzindo e fortalecendo o preconceito que existe por parte do senso comum sobre a escrita na educação básica.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico - o que é, como se faz.* São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais:* língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura***.** 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 140 p.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

MARIA, Sônia. *Dislexia, uma dificuldade de aprendizagem***.** Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/dislexia-uma-dificuldade-de-aprendizagem/34851/>. Acesso em: 20 nov. 2015.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita*: caderno do formador. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a Gramática*: ensaios sobre a linguagem. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

SILVA, Thais Cristófaro. *Fonética e Fonologia do Português***.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013.